

Airton Souza. *Outono de carne estranha*. Rio de Janeiro: Record, 2023. 157 p.

Quanto mais socava a pica no cu de Zuza, mais Manel escutava o barulho das picaretas. Dos enxadecos. Das mãos repletas de calos. Das velhas enxadas enferrujadas. Dos pedaços de paus. Das bateias roçando levemente sobre a água. Das pás afundando no chão amarelado dos barrancos e dos paredões, quase acinzentados de terra, que formavam a cava. Ao mesmo tempo que sentia as pupilas dilatando, longe das pequenas anatomias do céu, a sua língua salivava cada vez mais. O suor descendo de seus cabelos e molhando boa parte do corpo parecia querer, a qualquer custo, reviver as margens, embora minúsculas, do rio Sereno no meio dos peitos dele. (Souza, 2013, p. 8-9).

As primeiras linhas de *Outono de Carne Estranha*, na relação entre dois trabalhadores de Serra Pelada, provocam a recepção, embora não seja somente no óbvio tensionamento quanto ao que pode não se considera obsceno (o que não se pode “encenar”, código de então, das tragédias gregas, da *paideia* cidadã). No que a frase de abertura possa obscurecer, o parágrafo e a narrativa seguem, com elementos associados a corpo, espaço, trabalho, política e violência, em um todo aberto à reflexão e que necessita de aprofundamento interpretativo, a partir metáfora que, segundo Renan Quinalha, associa o contato sexual entre dois homens aos “barulhos e demais sensações físicas dos corpos em meio a um território rural” (2024, p. 13).

Os aspectos que poderiam ser considerados pontos iniciais de uma reflexão, no Brasil dos retrocessos, serviu de sinal para uma reação infelizmente já não mais peculiar em tempos de agora. Ortiz, na leitura do capítulo inicial, em um importante evento literário, fez despertar cóleras pudendas por parte de alguns sujeitos, alguns deles mesmo pessoas inesperadamente constrangidas. O resultado disso foi o rompimento da consolidada parceria entre a Record e o Prêmio Sesc de Literatura:

A editora carioca costumava sempre publicar os vencedores do prêmio, mas a relação se abalou após uma leitura do livro de Souza, ganhador do ano passado, durante a Festa Literária

Internacional de Paraty. O livro, sobre a paixão de dois garimpeiros, tem alta voltagem sexual, e leitura pública de uma dessas cenas mais quentes teria incomodado os gestores do Sesc. A Record ficou contrariada com o episódio. O caso culminou na demissão de Henrique Rodrigues, um dos idealizadores do prêmio. A tradicional turnê de divulgação dos escritores que venceram o troféu não aconteceu e o Sesc vem sendo acusado de censurar o livro e seu autor. (Porto, 2023).

O incidente que decorreu da leitura já não é de todo estranho no sistema literário que ultimamente interage com vertentes políticas extremistas, dotadas de recorrentes impulsos normativos quanto à cultura e a sexualidade. Mas quem enxergou, ouviu ou leu apenas algumas palavras nas primeiras linhas, não se deu ao trabalho de pensar que o “calão” dos termos, na arte e no romance de Souza, tem outra dimensão. Diogo Bercito, dias depois, na mesma *Folha de São Paulo* saiu, mesmo que mediante um severo juízo crítico, na defesa de *Outono...*:

Em *Outono de Carne Estranha*, Souza não fala só do amor de Manel e Zuza. Apresenta, também, a história do garimpo, e foi bastante feliz na escolha desse cenário infeliz. O formigueiro humano de Serra Pelada oferece imagens extremas da condição humana. É o tipo de material que costuma render uma boa e impactante literatura. [...] Nem todas as metáforas de "Outono de Carne Estranha", porém, são fáceis de entender. Fica a impressão de que Souza quer expandir o significado das palavras; mas, às vezes, acaba rompendo-as. O leitor tem que pelear para transformar as frases em ideias ou em sensações claras. (Bercito, 2023).

A linguagem metafórica de Souza na primeira linha, cobre com o barulho das picaretas o ato de Manel e Zuza da mesma forma como o movimento de ferramentas e terra ilustram a ação dos corpos. Isso não quer dizer, conforme Bercito aponta, que o amor físico entre os garimpeiros “transcende” a agrura do cotidiano. Pois não há transcendências, seja na “cava”, seja em um cômodo de barraco à beira dos abismos de Serra Pelada. No garimpo, o movimento é sempre descendente, em “um espaço de baixo, um espaço da lama” (Foucault, 1996, p. 115), o que pode explicar a presença explícita de contatos íntimos corporais no início e no decorrer da trama.

O garimpo é uma espécie de réplica de inferno. O trabalho é em um formigueiro humano no qual o percurso acontece na lama, entre o fundo e as subidas nas paredes resvalantes pelas escadas de centenas metros de madeira e cordas, apropriadamente chamadas de “adeus-mamãe”, na esperança de “bamburrar”, de enriquecer no garimpo no acaso (bamburro) de encontrar outro. Serra Pelada, assim, é um local de trabalho em que se deseja uma mudança na vida, o que implica que deixa de ser um lugar fixado para

ser ponto de passagem, um outro lugar, deferente de uma topia socialmente adequada, afetivamente desejada.

Proferida nos idos de 68, a conferência de Foucault, “De espaços outros” discute uma atualidade de então, ainda aberta à atualidade de agora, ou mesmo dos tempos de Serra Pelada. Falando de uma “época da justaposição, na época do próximo e do distante, do lado a lado, do disperso” (Foucault, 1996, p. 113), o filósofo desarticula o tecido social disciplinado, incorporando aos trânsitos humanos um tipo de espaço “em que vivemos, pelo qual somos lançados para *fora* de nós mesmos, no qual se desenrola precisamente *a erosão de nossa vida*, de nosso tempo e de nossa história, esse espaço que nos corrói e *nos erode* é também, em si mesmo, um espaço heterogêneo (1996, p. 115. Grifo nosso). Tais espaços “suspendem, neutralizam, ou invertem o conjunto das relações”, que são por eles “designadas, refletidas ou reflexionadas” (1996, p. 115). Na ordem dessa alteridade real, de inversão, o atributo especular seria um elemento edificável, que existe, que mostra, em retorno, um “ao contrário”, uma ausência “do local onde estou, já que me vejo ali” (1996, p. 116).

A atualidade de Foucault enseja heterotopias de “desvio”, nas quais estão indivíduos cujo comportamento é desenquadrado em relação ao comum, à norma, ao previsto. Ligado a tal condição está outro possível atributo, a circunstância “crônica” que dimensiona uma heterotopia, local de passagem, de curta permanência, localizável, perceptível e penetrável desde que “com uma certa permissão e desde que se tenha feito uma determinada quantidade de gestos” (1996, p. 119). A heterotopia foucaultiana tem função, não se restringe aos códigos de domínio, permite e garante a sexualidade ilegal e mais: delega à passagem sua constituição maior, já que sua funcionalidade tem um tempo “certo”. Em Serra Pelada, o tempo é só o de garimpar e o espaço, o de poder partir.

Serra Pelada ocorreu no Brasil, no estado do Pará entre 1980 e 1992. Mobilizando mais de cem mil trabalhadores, na extração de dezenas de toneladas de ouro, foi maior garimpo a céu aberto do mundo, no qual eram evidentes as degradantes condições de trabalho e de higiene. Na organização desse aglomerado humano, o Estado, intervindo no garimpo, projetava a política de então, contrastada com o fim da ditadura, mas com dinâmicas de organização do trabalho que se faziam mediante a

tortura e a violência. Em *Outono...* a figura emblemática do marechal é a representação marcial do regime e Zuza, mesmo estando no garimpo, está “fora” do trabalho, por ordem do comandante, “homem sem remorso” (Souza, 2023, p.157), mas que, de qualquer forma, representa a “pátria”, apoiado em seus “trinta bate-paus”, agentes de repressão no mapa da cava.

Na rotina das imposições irrevogáveis e do canto do hino nacional, o marechal impõe uma legislação que tem algumas bases pétreas: não pode haver no garimpo bebida, arma ou mulher. Da mesma maneira, como garimpo não é lugar de “marica” (2023, p. 122), outras regulações passam a ser estatizantes: a venda de ouro só pode ocorrer na agência improvisada da Caixa Econômica (redigida, no romance, à maneira de outros nomes, com minúsculas); o ouro não pode sair de Serra Pelada nas mãos dos garimpeiros; há um comércio, um armazém da “cobal”, espaço exclusivo de compra de mantimentos. E justamente a violação desse núcleo, do armazém, por um garimpeiro, estabelece um episódio de extrema violência, para ser exemplar aos demais trabalhadores. Por ocasião de um roubo, o infrator, amarrado, besuntado com açúcar, tem seu corpo exposto à multidão em martírio:

O açúcar ocupou o vazio dos pequenos buracos. Em poucos minutos, ficaram esbranquiçados. Não demorou muito dois dos bate-paus se aproximaram com uma caixa de papelão nas mãos. Ao aceno do marechal, começaram a espalhar formigas, com muita candura, por cima das valas. Ao perceber o que lhe aconteceria, o garimpeiro começou a se debater. Desesperado, começou a grunhir. As mãos amarradas para trás, no pedaço de caibro, não dariam mais conta de fazê-lo sonhar com o cultivo de uma dúzia de pés de baobás. O silêncio dos outros homens deixou ainda mais doloridas as picadas das primeiras formigas que subiram em seu corpo. A satisfação do marechal. O cheiro de terra molhada vindo da cava. (Souza, 2023, p. 55).

O termo “formiga”, se aqui serve à tortura e à morte, também é parte das funções do garimpo, na envergadura de uma organização ocupada como se por uma fauna amontoada:

Pelas minúsculas sombras de cada um, era possível perceber o quanto a carne e o melechete converteram paisagens e homens em pequenos rostos diluviados pela clemência dos peixes. Era como se o chão e os paredões de terra tivessem parido aquelas carnes de uma hora para outra. Os formigas subindo sem parar os degraus. Os meias-praças cavoucando a terra de maneira alucinada, indiferentes à fome, à fé e aos corpos tristes. Ali, nem deus, nem a natureza teriam forças para abranger mais nada além do sonho nutrido pelos garimpeiros em bamburrar. (Souza, 2023, p. 28).

Para Foucault, a heterotopia tem o poder de justapor em um único lugar real vários espaços, sob atributos de um avizinhamento. Se o filósofo observa que bordéis e colônias são dois tipos extremos de heterotopia (Foucault, 1996, p. 121), os puteiros satélites à Serra Pelada são espaços em que outras dinâmicas se associam à função garimpo. Nesse espaço, outra personagem constitui seu desvio. O padre Zacarias sonega a fé e se torna formiga.

Personagem cuja construção não abala os fios na narrativa, sua coadjuvância tem significado na trama. Seu signo é o da descrença, do descenso do espaço sagrado para o fundo da cava:

Zacarias, quando falava o nome de Serra Pelada, parecia fazer emergir, de cima de sua língua, um pequeno pedaço de pentecostes. As letras saíam de sua boca, uma a uma, trazendo consigo o cheiro mais antigo de moisés com o corpo todo lambido pelas moscas do monte sinai. Parecia querer meter a mão no peito e trazer lá de dentro um pedaço do egito santificado pela ausência de deus. [...]. Dentro da cava, esperando o saco ser embatumado com cascalho, foi que Zacarias sentiu pela primeira vez ódio de si mesmo. Raiva do céu. De deus. Da santa ceia. Das epístolas. Desejou estar lá, sentado em uma das cadeiras. Aproximar-se de cristo antes de judas. Beijar a bochecha do santo homem e sentir o espanto de cada apóstolo. Rir de pedro, condenado a negar o mesmo homem por três vezes. Ao ver o saco quase cheio de cascalho e o melechete escorrendo, sentiu nojo de todos os santos. Dos bate-paus. Do marechal. Dos pedaços da bíblia em sua cabeça. Da pá cento e cinquenta e cinco. Talvez a mulher concebida sem pecado o olhasse com ternura, pois ele estava no exato lugar onde a pátria não fazia sentido. O saco de cascalho amarrado e sustentado ao redor dos ombros. A camisa empretecida de melechete. (Souza, 2023, p. 45).

Inserido na rotina dos trabalhadores, Zacarias visita o bordel, dissociado tanto desse espaço quanto de seu ponto de origem, a igreja improvisada com lonas, agora abandonada. Na inversão, como no fundo do poço relegara pátria e fé no ódio a Deus, no espaço da sexualidade ilegal a quase reconstituição de homem santo o eleva, como cumprindo com a cava o movimento de sobe e desce que sempre leva cada vez mais fundo, mais ao encovado da terra, mais e mais aos baixos, da alma e do corpo:

A mulher repuxou o vestido para baixo. Balançou os cabelos e começou a caminhar na direção dele. A maneira como ela andou o fez ficar com medo. Zacarias sentiu na própria língua o peso do último sermão proferido. A imagem do cordeiro de deus descendo sozinho da cruz, ensanguentado. A coroa de espinhos entranhada no começo de sua testa. A noite menos estrelada descendo sobre jerusalém. O pônio pilatos dormindo sossegado em seus aposentos. O jasmineiro perfumando o palácio. As pupilas pretas dos olhos de cristo, reluzentes, como se fossem minúsculos betumes envernizados. Os castiçais com velas mais de um palmo, acesas. Os buracos das mãos cicatrizando naquele instante. Rapidamente, o padre desejou besuntar o próprio corpo com água benta. Antes de a quenga chegar pertinho, ele desenhou uma capela usando as duas mãos. (Souza, 2023, p. 81)

E segue o movimento de um sacerdote, quando a intimidade que se expõe como delito:

Nu, viu a mulher de joelhos em sua frente. Como se enxergasse alguns candelabros lotados de velas acesas e as imagens de santos, entre as quais, a da imaculada conceição chorando. Os bancos de madeira cheirando a óleo de peroba. Ele sentiu vontade de benzer, por duas vezes, o rosto da mulher (Souza, 2023, p. 83)

Estar com a mulher o leva a pensar “nos garimpeiros brefados. Na terra da cava desmoronando. Nos homens soterrados. Em ló impiedoso com a sua mulher. Em jonas com as pupilas cheias das águas do mar. Por fim, na sina amargurada de judas, obrigado a beijar o rosto do traído" (Souza, 2023, p. 82), já que tudo faz saber que não há possibilidade de esperança ou fé quando nada de feliz se promete como verdadeiro. O bamburro, seja no ouro, seja na liberdade, seja no desejo, nada é mais do que um juramento vazio, uma transcendência eternamente adiada.

Não por acaso, a palavra sagrada se repete no texto, sem nada a agradecer a quem a profere. Manel transita pelo sagrado, na inversão de Filipenses¹, ao ver em um barracão um escrito anônimo, a carvão: “Tudo posso naquilo que me entristece (Repentinamente, olhou para a frase escrita a carvão, sabe-se lá deus por quem, na parede do barracão, e repetiu em pensamento: “Tudo posso naquilo que me entristece.” (2023, p. 29). A mesma inversão é invocada no bordel, quando da impotência, com roupas feitas da batina de Zacarias, um pano “ainda impregnado pela castidade de todos os seminários” (2023, p.102):

A quenga conferiu cédula por cédula, passando a mão na língua. Nesse instante, Manel percebeu a formação, repentina, do desenho de uma cordilheira aureada por cima das sobrancelhas dela. Contraíu as pálpebras. Mirou o pedaço de parede por cima da cabeça da mulher e imaginou a bênção que seria poder escrever naquele exato lugar a frase “tudo posso naquilo que me entristece”. Encorajado, vestiu a calça. (2023, p. 107).

De forma semelhante, fé e dor fazem Zuza invocar a imagem da avó, suas rezas, o Cristo sem pés em seu Rosário. No barraco, tenta se benzer, “sente o gosto agridoce de deus sitiado embaixo de sua língua” (2023, p. 20), pensa em pentecostes em salmos associados aos baixos corporais, articula com dificuldades um pensamento sem salvação:

¹ “Tudo posso naquele que me fortalece” (Filipenses 4:13)

Ao voltar a olhar as pernas enlameadas, Zuza pôs-se a rir baixinho. Quando parou de sorrir, deixou a boca entreaberta, a língua meio curvada. Sem querer, voltou a sentir o gosto quase de lodo emanar entre seus dentes. Ali mesmo, decidiu juntar as mãos, ambas espalmadas, na frente do rosto. Fechou os olhos como se quisesse ensaiar uma pequena reza, às pressas, mas pensou no que significaria uma pequena reza feita por um gay com o corpo fático. Manteve-se incrédulo, os olhos fechados. A garganta seca. Então disse: “Deus, semeia em meu corpo a misericórdia da palavra horizonte. Faz nascer nas mãos dos bárbaros a fome dos jardins, amém.” (2023, p. 24).

Para Foucault, os lugares “de fora” têm função, ou seja, há neles certo grau de eficiência projetada. Colônias e bordéis estão assegurados por terem razão de ser. Há horários e atos previstos, há uma rotina, uma trilha, um modo de viver. Um barco, por sua vez, ao dar acesso ao de fora, é também outro lugar, “um pedaço flutuante de espaço, um lugar sem lugar, que vive por si mesmo, que é fechado sobre si e é entregue, ao mesmo tempo, ao infinito do mar”, um espaço que, “de porto em porto, de bordo em bordo, de bordel em bordel, vai até as colônias buscar o que elas guardam de mais precioso em seus jardins” (Foucault, 1996, p. 120). Sobretudo, além de instrumento de desenvolvimento econômico, o barco é “a maior reserva de imaginação” e, para o filósofo, os sonhos definham nas civilizações sem barcos, quando “a espionagem substitui a aventura, e a polícia, os corsários” (Foucault, 1996, p. 121).

Nesse sentido, Serra Pelada, em *Outono de Carne Estranha*, é uma heterotopia sem sonhos, desabada, onde o chão leva para a morte, onde a ordem leva para a violência, onde a riqueza traz miséria, onde os desejos sofrem. Sem bem funcionar, sem bem permitir o que se pensava ser feito, o bamburro em erosão é marca de um momento, mas é crônico em nossa história, por serem a cava, os corpos, o trabalho, os códigos, um lugar onde o desespero jamais encontra esperança ou fé.

REFERÊNCIAS

BERCITO, Diogo. 'Outono de Carne Estranha' é romance de poesia rara, mas diluída. *Folha UOL*, 28 mar. 2024. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2024/03/outono-de-carne-estranha-e-romance-de-poesia-rara-mas-diluida.shtm> >. Acesso em 19 jul. 2024.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: _____. *Estética: Literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

PORTO, Walter. Record e Prêmio Sesc de Literatura rompem após acusação de censura a livro. *Folha UOL*, 21 mar. 2024. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2024/03/record-e-premio-sesc-de-literatura-rompem-apos-acusacao-de-censura-a-livro.shtml> >. Acesso em 19 jul. 2024.

QUINALHA, Rodrigo. Amores brutos. *Quatro Cinco Um*, v. 83, 2024.

SOUZA, Airton. *Outono de carne estranha*. Rio de Janeiro: Record, 2023.

Miguel Rettenmaier

Docente-pesquisador do Programa de Pós-Graduação e do Curso de Letras
da Universidade de Passo Fundo/UPF
Coordenador do GT/ANPOLL de “Literatura brasileira contemporânea”